

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Bahia Class.: PHR 00 246

Data: 21.12.83 Pg.: _____

Deputados temem novos conflitos

¹⁹⁰
A Comissão do Índio retornou ontem para Brasília e o crime continua sendo investigado

O Departamento de Polícia do Interior — Depin, não tinha ontem uma definição sobre a morte do índio Silvonias Trajano, a não ser a confirmação de que ele foi morto pelos irmãos Silvestre Marinho de França e Pedro Marinho de França e pelo primo Carmelito Trajano, na Fazenda São Lucas, reserva Pataxó Hã-Hã-Hãe, no município de Pau Brasil, Sul do Estado. O inquérito instaurado pelo comandante da Polícia Militar de Pau Brasil, sargento Domingos Silva Barros continua dependendo da captura de um dos criminosos, Pedro Júnior de França. A Polícia Federal ainda não abriu inquérito, mas já está também apurando o crime.



Integrantes da Comissão dos Índios retornaram para Brasília



Depois de comprovarem o atestado de abandono dos Pataxós Hã-Hã-Hãe

ILHEUS (SUCURSAL) — Os cinco deputados integrantes da Comissão do Índio, da Câmara Federal, retornaram ontem pela manhã à Brasília, depois de passar um dia inteiro em contato com os índios Pataxós Hã-Hã-Hãe na reserva Paraguaçu-Caramuru, em Pau Brasil, e com os fazendeiros da área em litígio. Embarcaram também no avião da Força Aérea Brasileira, um Avro C-91-A, às 6:45h, o deputado Jorge Vianna e mais três jornalistas do Congresso Nacional que acompanhavam a comissão.

O deputado Domingos Leonelli, do PMDB baiano, declarou que a comissão constatou estar "diante de uma situação muito tensa: de um lado a comunidade indígena disposta a lutar até a morte pelo direito de permanecer na terra que ela afirma ser sua, e de outro lado, fazendeiros, grandes e pequenos, dispostos também a lutar até a morte para defender as terras que eles afirmam que são suas". Ele considerou que o impasse está formado e acredita que a qualquer momento o conflito poderá agra-

var-se com a possibilidade de um confronto armado entre as partes.

SITIADOS

Em Pau Brasil, os deputados visitaram primeiramente a fazenda São Lucas, onde estão os Pataxós, e constataram que os índios estão "virtualmente sitiados" e vivendo em condições subumanas, como afirmaram os deputados peemedebistas Haroldo Lima e Domingos Leonelli. Segundo Leonelli, nas áreas de Pau Brasil e Camacã as comunidades daquelas cidades estão tomando uma postura de "inimigas dos índios", havendo inclusive recusa de atendimento médico e casos de bloqueio comercial. "Não se compra nada que os índios venham a produzir, por exemplo, a última safra de cacau — cerca de quatro mil arrobas — eles tiveram dificuldades de vender, e várias empresas se recusaram a comprar atendendo a pedido dos fazendeiros", revelou o deputado, referindo-se às dificuldades de sobrevivência dos silvicultores.

Não existe água na fazenda São Lucas e a alimentação dos índios está sendo dada pela FUNAI, já que o que produzem ainda não é o suficiente para sua alimentação. O deputado Marcos Santilli, do PMDB paulista, disse que as terras da reserva indígena estão secas e o feijão plantado está amarelado antes do tempo pela falta de água.

Para o deputado Haroldo Lima, "o pequeno local de terra" onde os índios estão vivendo não oferece possibilidade para que se desenvolvam a contento, do ponto de vista do trabalho, de vida e de sua movimentação em terra.

— Não existe água para que os Pataxós lavem roupa, cozinhem e molhem a plantação. Eles nos contam o drama em que vivem, e o caso, inclusive, de mulheres que lavam roupa e outras ficam esperando a espuma do sabão secar para que então usem a mesma água na lavagem de outra quantidade de roupa. Acho que esse é um problema que dramatiza e dá um caráter de urgência, para o grave

problema do índio nesse instante, declarou Haroldo, afirmando que é necessário se tomar medidas para resolver essa "dramaticidade mais urgente do problema local".

Lima acha que essas medidas urgentes devem ser tomadas sem um desligamento do encaminhamento das soluções subsequentes dos problemas locais, ou seja, as providências de curto prazo devem estar ligadas às que serão tomadas em médio e longo prazos para resolução do problema. Particularmente, ele afirma que está fundamentando uma proposta à Comissão do Índio, mas ainda não pode revelar.

AMEAÇA

A reunião realizada no Sindicato Rural de Camacã com a participação de centenas de agricultores foi vista pelos deputados como "muito tensa". O deputado Domingos Leonelli chegou a afirmar que ficou assustado com o clima e declarou que, ao propor uma

negociação entre as partes, foi bastante vaiado pelos agricultores e até recebeu ameaças. No entanto, a negociação entre índios e fazendeiros deverá ser a tônica da reunião que a comissão realizará ainda esta semana em Brasília.

Um fato que mereceu destaque na visão dos deputados, principalmente Haroldo Lima e Jorge Vianna, foi a existência de um número expressivo de pequenos e médios agricultores. Jorge Vianna argumentou que é preciso que se esclareça o que realmente está acontecendo naquela região produtora de cacau: "As histórias que nós ouvimos ontem, terça-feira, é que os índios vieram de fora e que pertencem talvez, à sexta geração do que existia ali, e não é possível a exigência dos índios de querer 36 mil hectares de terra, onde há uma produção de 300 mil arrobas de cacau, 110 mil cabeças de gado e cerca de 17 mil famílias morando na área. Então, não é possível, porque seria desestabilizar a região cacauzeira, pois as terras que eles querem

vêm de Pau Brasil e Itabuna", acrescentou.

Os fazendeiros entregaram à comissão farta documentação para que os deputados avaliem a situação. Na opinião de Haroldo Lima, o governo é responsável pelo clima existente na área, por não encaminhar a solução do problema de uma forma correta. Ele condenou a FUNAI dizendo que a atuação do órgão promove a divisão entre os índios.

Por outro lado, Leonelli declarou que a comissão deverá tomar uma providência de antecipação à Justiça, por considerar que uma decisão jurídica vai demorar algum tempo, e que alguma coisa tem que ser feita para impedir a ocorrência de mortes, caso haja conflitos mais sérios. Imagine só, exclamou Leonelli, "o advogado dos agricultores, o Dr. Altamirando Marques, disse na minha frente que os fazendeiros poderiam se transformar em guerrilheiros. Eu acho que ele já é homem de idade", ponderou.

Para ANAI Funai é a responsável

O presidente da ANAI-Ba (Associação Nacional de Apoio ao Índio), Eduardo Almeida, disse ontem que não considera o crime ocorrido na última terça-feira na Fazenda São Lucas, município de Pau Brasil, envolvendo índios da tribo Pataxó como um ato político ou decorrente dos recentes conflitos entre fazendeiros e os Pataxó.

Eduardo considera que o assassi-

nato do índio Silvonias Trajano pelos índios Carmelito Trajano e os irmãos Silvestre e Pedro da França, foi provocado por uma rixa existente entre os implicados e a vítima que tinha fama de fazer ameaças sempre que se encontrava embriagada.

Entretanto, o presidente da ANAI considera o crime de responsabilidade da FUNAI, que segundo ele, não controla o fornecimento de bebidas al-

coolicas aos índios, ato proibido por lei mas que é comum na maioria das reservas indígenas em todo o Brasil. Eduardo Almeida afirmou ainda que esse crime comprova o abandono a que os índios estão expostos por parte da FUNAI que legalmente é sua tutora.

Esse crime, enfatizou, é resultado da situação marginalizante que tem vivido os índios Pataxó, submetidos a

toda sorte de privações, falta de oportunidades, violências, e falta de justiça. Isso continua, foi comprovado durante a visita que a Comissão Pró Índio fez à reserva dos Pataxó, na Fazenda São Lucas, no mesmo dia do crime.

Para Eduardo que acompanhou a visita da Comissão, o crime, em si, não modificou a situação de conflito

entre fazendeiros da região e índios. Durante a visita dos deputados da Comissão Pró Índio, foi denunciado pelos índios a falta de atendimento da FUNAI e a falta de terras que obrigam quase 900 índios a conviver em apenas mil hectares de terra e ainda divididos em duas facções.

Os fazendeiros, por sua vez, afirma Eduardo, tentaram sensibilizar os

deputados se dizendo ameaçados e perseguidos pelos índios, mas não conseguiram seu intento. O deputado federal, Domingos Leonelli que inclusive foi vaiado pelos fazendeiros, afirmou na oportunidade que os índios tinham cobertura do ponto de vista legal e que era necessário que os fazendeiros cedessem em seus pontos de vista, para possibilitar um acordo e resolver a questão.